

Natureza e História

Valéria Maria Santana Oliveira



São Cristóvão/SE
2010

Natureza e História

Elaboração de Conteúdo
Valéria Maria Santana Oliveira

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Nycolas Menezes Melo

Ilustração
Valéria Maria Santana Oliveira

Revisão
Vanessa Santos Góes

Copidesque
Lívia Carvalho Santos

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Oliveira, Valéria Maria Santana.
O48n Natureza e História / Valéria Maria Santana Oliveira -- São Cristóvão:
Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

1. Meio ambiente . 2.História. I. Título

CDU 502.2::93/94

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais
Giselda Barros

Diretoria Administrativa e Financeira
Edézio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação
Edvar Freire Caetano
Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaína Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscila Viana Cardozo (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ítala Santana Souza (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Carolina Faccioli dos Santos
Cássio Pitter Silva Vasconcelos

Isabela Pinheiro Ewerton
Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
Os historiadores em diálogo com o tempo.....	07
AULA 2	
Sociedade, natureza e história.....	15
AULA 3	
Uma história social das relações homem-natureza.....	25
AULA 4	
Desenvolvimento x meio ambiente na história recente do Brasil	33
AULA 5	
História ambiental: desafios na pesquisa e no ensino	41
AULA 6	
Patrimônio natural e meio ambiente histórico.....	55
AULA 7	
Movimentos sociais e conflitos socioambientais	67
AULA 8	
A natureza na historiografia brasileira	86
AULA 9	
História e paisagens	102
AULA 10	
O sertão na história do Brasil	131

OS HISTORIADORES EM DIÁLOGO COM O TEMPO

META

Apresentar aos alunos as idéias iniciais acerca da relação homem-natureza enquanto objetos de estudo da História, especialmente com o advento da História Nova.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender a importância da História Ambiental.



Acerca da História Ambiental, Donald Worster acrescenta que “esta nova história rejeita a suposição comum de que a experiência humana tem sido isenta de constrangimentos naturais que as pessoas são uma espécie separada e singularmente especial, que as consequências ecológicas de nossos feitos passados podem ser ignoradas. O aquecimento global está aí para mostrar que Worster está certo.

(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Paulo Henrique Martinez

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Em 2006, realizou programa de pós-doutorado no Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Desde 2001 é professor no departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, no campus de Assis, da Unesp. Desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão cultural em História Política e em História Ambiental do Brasil. Já organizou diversos livros, entre eles Sete ensaios sobre o Collège de France (São Paulo, Cortez, 2001).

Estamos começando agora uma série de encontros que teremos para aprender um pouco mais sobre um dos temas mais discutidos na atualidade: a relação homem-natureza. Mas nossa jornada terá um enfoque bem específico: discutiremos, aqui, como esta relação se deu ao longo da história.

Convido você para uma aventura muito especial e, para isso, é necessário que façamos um esforço para lançarmos um olhar interdisciplinar sobre a História, ou seja, a busca de um diálogo com várias outras ciências. É impossível dar conta das questões ambientais sob uma única ótica, pois a natureza é essencialmente multidisciplinar.

É nesta busca da interdisciplinaridade que surge a História Ambiental. Falaremos sobre ela de forma detalhada posteriormente, mas já adianto que este campo de pesquisa é resultado da busca de alguns historiadores para dialogarem com as questões do seu tempo ou atenderem aos questionamentos e anseios que a sociedade da qual fazem parte lhes impõem.

Paulo Henrique Martinez nos lembra que há uma demanda, não só no Brasil, pela compreensão e esclarecimento do tempo presente. Neste contexto, a História Ambiental pode ser um instrumento de entendimento do mundo através da análise das relações entre os seres humanos e das que se estabeleceram entre estes e o mundo natural.



A história e o tempo. Composição que representa a história da interação entre o homem e o mundo, sendo escrita ao longo do tempo.

Foto: (Composição: Fernando Ferreira Júnior, 2010)

SOCIEDADE, NATUREZA E HISTÓRIA

A História Ambiental pode e deve desempenhar um papel fundamental na decifração do mundo, pois, ao revisar o passado, ela é capaz de contribuir para a construção de uma visão mais crítica do presente (Martinez, 2006).

É neste sentido que a contribuição da História para a ciência é fundamental, especialmente a partir do nascimento da História Nova, cujo objetivo foi livrar a história das barreiras disciplinares, de erros, preconceitos e rotinas. A história positivista do século XIX foi substituída por uma ampliação do campo do documento histórico, até então restrito aos documentos escritos, passando a se basear em muitos outros tipos de registros: textos, figuras, restos fósseis, oralidade, fotos, filmes, entre outros.

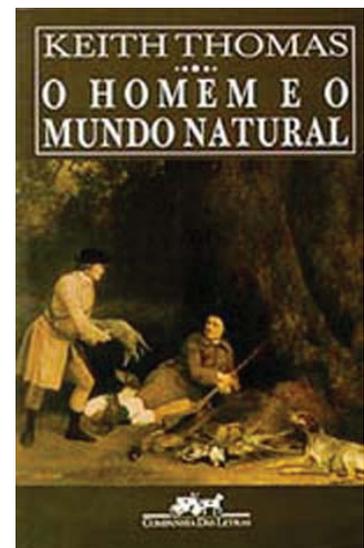
A História Nova busca afirmar duas direções inovadoras presentes no próprio título dado à revista, cuja fundação em 1929, foi seu marco inicial: “Anais de história econômica e social”, “social” por ter um caráter que engloba toda a história, e “econômica” por ser um campo de importância cada vez maior nas sociedades. Esta revista consolidou-se como o grande marco deste movimento revolucionário da historiografia denominada Escola dos Annales, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, sucedidos ao longo dos anos por Fernand Braudel, Jacques Le Goff e George Duby, entre outros.

Porém, além da Escola de Annales, outros grandes nomes se destacaram como pais da História Nova, como Voltaire, que já no ano de 1744 falava da necessidade de se fazer a história não só de reis e de guerras, mas também a história de todos os homens, isto é, uma história total (Le Goff, 1991).

Como advento da Nova História e sua abertura a novos temas e novas abordagens, uma janela foi aberta para um maior reconhecimento da necessidade de estudar as relações históricas entre as sociedades e seus ambientes.

Um exemplo desta nova perspectiva da História é a obra de Keith Thomas, “O Homem e o Mundo Natural”, considerada um clássico da História Ambiental, na qual é analisada a relação homem-natureza nos trezentos anos iniciais da Idade Moderna.

“Com efeito, foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. Relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido; e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado. (Cf. THOMAS, 1988, p. 18)



Capa do livro O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). (Fonte: <http://www.comciencia.br>)

A partir da segunda metade do século XX, tornou-se impossível não relacionar a sociedade humana ao mundo natural, embora ainda haja entre os próprios historiadores grande resistência neste sentido. Tal postura se deve ao fato de, durante muito tempo, a história ter tomado por relevantes apenas os documentos – notadamente os escritos – que tratavam dos grandes acontecimentos e dos feitos de personalidades importantes (Le Goff, 1991).

A História Ambiental surgiu na década de 70, em meio às transformações que se davam na relação homem versus natureza, no contexto da intensificação das discussões a respeito da consciência ambiental e da necessidade de preservação do meio ambiente. Segundo Worster (1991), trata-se de um esforço revisionista com o objetivo de fazer a disciplina de história mais inclusiva do que vem sendo comumente.

Portanto, a História Ambiental – ou Eco-história – possui uma abordagem focada no entendimento de que o homem produz a sua história, sendo necessário, porém, “colocar o homem na natureza” (Drummond, 1991, p. 4).

Donald Worster (2003, p. 3) acrescenta que “esta nova história rejeita a suposição comum de que a experiência humana tem sido isenta de constrangimentos naturais, que as pessoas são uma espécie separada e singularmente especial, que as consequências ecológicas de nossos feitos passados podem ser ignorados”.

Portanto, o principal objetivo da História Ambiental é “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (Worster, 1991, p. 2).

Em outras palavras, coloca a natureza como agente transformador da história, destacando o papel do meio ambiente na formação das sociedades. Portanto, a história ambiental tem como objetivo específico o exame da influência mútua entre as sociedades e seus recursos naturais.

Donald Worster (1991, p. 5) aponta três níveis de abordagens da História Ambiental, são eles:

- O entendimento de como a natureza se organizou e funcionou no passado;
- O domínio sócio-econômico interagindo com o ambiente através do trabalho, ferramentas e relações sociais, pelas diversas formas em que povos produziram bens a partir de seus recursos naturais;
- As percepções, valores étnicos, leis, mitos e outras estruturas de significação que, em nível intelectual, tornam-se parte do diálogo de um indivíduo ou grupo com a natureza.

Lucien Febvre, em 1949, afirmou que quando não há documentos escritos, a História deve ser feita a partir de todo e qualquer vestígio da presença humana, pois estes expressarão o próprio homem. Usando as palavras do Febvre, citadas por Le Goff (1991):

A história faz-se com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. (Cf. LE GOFF, 1991, p. 107)

Esta postura retrata o caráter interdisciplinar desta “Nova História”, se encaixando perfeitamente na proposta da História Ambiental que é buscar subsídios de várias outras disciplinas na busca da “influência mútua entre sociedade e natureza”. “A História possui uma vasta experiência de diálogo e de trabalho interdisciplinar que facilita suas aproximações no estudo das relações do ser humano com a natureza no passado. (Martinez, 2006, p. 21).

Outro fator demonstrativo da relevância de estudarmos História Ambiental é o fato de o nosso país ter a Natureza como um de seus aspectos mais emblemáticos. Neste sentido, vários motivos fazem com que o Brasil seja um objeto privilegiado para a História Ambiental, como por exemplo:

- A ecologia tropical do país;
- A pré-história marcada pela comunidade primitiva;
- O extrativismo e a exploração dos recursos naturais;
- A expansão da agricultura e da pecuária, com a introdução de novas espécies;
- A domesticação de plantas e animais;
- As modernas políticas e normas ambientais, etc.

Assim, o Brasil tem tudo para se constituir numa sede de estudos de relevância internacional, faltando apenas que a disciplina história ambiental ganhe maior legitimidade entre historiadores e profissionais das ciências sociais (DRUMMOND, 2002).

O assunto (o predomínio do homem sobre o mundo natural) tem muito a oferecer aos historiadores, pois é possível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas. (Cf. THOMAS, 1988, p. 19)

Leia o texto complementar que selecionei para esta aula com o objetivo de melhor explicitar a emergência deste novo campo da história e o como os pesquisadores que se voltam para a temática ambiental demonstram estar “antenados” com o mundo atual, neste verdadeiro diálogo com as questões do tempo presente.

O NASCIMENTO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Um dos termos mais repetidos nos últimos anos entre os historiadores é o de “história ambiental”. Há muito o que se discutir acerca do seu real significado, seus objetos de estudo, seus pressupostos e métodos, os outros campos do saber com os quais dialoga — isso será abordado num capítulo a seguir. Mas só a constatação do surgimento desse novo ramo de pesquisa merece algumas considerações. Como veremos, existem atualmente várias organizações de historiadores dedicados ao tema, com publicação de revistas especializadas, organização de congressos e de grupos de discussão pela internet.

O fato de historiadores terem dirigido suas indagações de forma tão sistemática em direção à natureza, a ponto de criarem um novo “ramo” de estudos, demonstra muito bem como a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com seu próprio tempo. Como vimos, as últimas décadas se caracterizam por intensos debates em setores muito diversos da sociedade. Ora, os historiadores muitas vezes são estigmatizados como pessoas que só gostam de “velharias”, de coisas antigas, ou ainda como aqueles que cultivam uma espécie de cultura inútil, com a memorização de datas, batalhas, nomes, eventos etc. Mas isso não é uma verdade, mesmo que realmente existam muitos historiadores que são exatamente assim, infelizmente.

Há muito tempo mesmo, que os historiadores se declararam amantes incondicionais do presente. Um grande historiador francês, Marc Bloch – que viveu na primeira metade do século XX e foi assassinado num campo de concentração nazista –, contava, num de seus livros, como aprendeu uma das maiores lições em sua profissão. Em viagem à Estocolmo, ouviu de um colega Henri Pirenne a afirmação de sua preferência em conhecer uma cidade começando pelos lugares ligados à vida no presente. Entre um tom de brincadeira e de sinceridade, Pirenne disse-lhe ainda que era um historiador, e por isso amava sua vida; caso fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas.

Desde 1929, Marc Bloch e sua geração questionaram a memorização monótona de fatos, nomes e datas, afirmando que a história deveria ser muito mais que isso: ela deveria se ligar ao presente e ao futuro, privilegiando o estudo dos homens no tempo. Neste ponto, eles fizeram com que a história ganhasse uma importância inédita, pois, como afirmava o filósofo alemão Nietzsche, se a história não puder servir à vida, ela não tem utilidade para os homens [...]

Assim, quando os historiadores se voltam para o tema da natureza da forma específica como têm feito, evidenciam como vivem em um lugar social e não no “mundo da lua”. Apresentam-se como

homens em diálogo com seu tempo e, principalmente, como pesquisadores de um saber não apenas válido, mas essencial para compreendermos nosso presente e atuarmos na construção de nosso futuro. Compreender a historicidade das relações entre a sociedade e a natureza pode, certamente, dar-nos instrumentos para assumir uma postura mais crítica frente aos debates sobre o ambiente. Tornarmos-nos mais capazes de perceber mais claramente tanto as falácias do desenvolvimentismo como as idealizações autoritárias de algumas propostas ecológicas ditas “alternativas”.

Conhecer a história possibilita o amadurecimento das posturas a serem assumidas em defesa da sociedade, numa visão para além de “isso é certo, isso é errado” ou “esse são os bonzinhos e aqueles são os malvados”. (...) O mais importante a ser observado em todos esses dados é que os historiadores constituíram uma nova especialidade. A realização de congressos regulares e a publicação de revistas fazem com que pessoas de países e universidades diversas se comuniquem e/ou se encontrem, apresentem-se mutuamente o que vêm pesquisando, troquem idéias, aprendam uns com os outros e, é claro e não menos importante, discordem uns dos outros sobre o que deve ser essa área de conhecimento histórico e acerca de seus métodos e pressupostos. Outro dado muito importante é que todos esses estudiosos consideram uma das inovações principais de suas práticas a grande disposição de dialogar com cientistas de outras áreas, incluindo não apenas sociólogos, cientistas políticos e filósofos mas também e especialmente, geógrafos, geólogos, estudiosos do clima, biólogos, químicos, agrônomos, e muitos outros. A interdisciplinaridade – ou seja, o encontro de várias áreas do conhecimento – é uma das maiores tônicas da autodenominada história ambiental. (Cf. DUARTE, Regina Horta. História e natureza. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 30 -33.)

CONCLUSÃO

Meu caro aluno, minha cara aluna, o historiador ambiental tem como missão estudar o homem juntamente com o ecossistema que o comporta, sem dissociá-lo do meio em que está inserido. Isso se dá numa busca de entender esse mesmo meio e suas transformações, suas mudanças, sejam elas causadas ou sofridas pelos seres humanos.

Diante de um mundo repleto de problemas ambientais a serem resolvidos, se faz necessário e urgente que a História Ambiental assuma seu lugar ao lado das demais abordagens da chamada Nova História. É preciso que ela adquira sua legitimidade junto a historiadores e demais cientistas das diversas áreas do conhecimento.

Ao longo deste curso de Natureza e História, vamos procurar compreender as várias formas de interação entre os sujeitos humanos e a natureza, refletindo sobre como as diferentes experiências históricas constituem amplo leque de possibilidades de compreensões das relações com o mundo natural e como estes aspectos se refletem em nossas visões contemporâneas acerca do meio ambiente.



RESUMO

Nesta aula procuramos demonstrar a importância da História Ambiental, apresentando uma breve introdução da problemática das relações homem-natureza, aprendemos que, com o advento da História Nova, diversas possibilidades de temas e abordagens ganharam visibilidade, entre elas a História Ambiental. É, portanto, missão do historiador estudar o homem sem dissociá-lo de seu meio.



ATIVIDADES

Escolha um dos diversos sites de busca disponíveis na internet e entre com a palavra-chave “História ambiental”. Faça um “tour” pelas diversas páginas que encontrar. Sinta-se à vontade para fazer downloads de artigos disponíveis em formato pdf, a exemplo de “A História Ambiental: temas, fontes, e linhas de pesquisa” e “Para fazer História Ambiental”. Ambos são textos importantíssimos, dos quais faremos uso em alguns de nossos próximos encontros. Não se esqueça de salvar sua pesquisa!

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Isabel de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DRUMMOND, José Augusto. **A história ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos históricos, Rio de Janeiro: 1991, v. 4, n. 8, p. 177-197.
- _____. **Por que estudar a História Ambiental do Brasil? – ensaio temático**. Varia História. 2002, n. 26, p. 13-32, jan.
- DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **A história como ciência**: o ofício do historiador. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991, p. 105-127.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental**. Estudos históricos, Rio de Janeiro: 1991, v. 4, n. 8, p. 198-215.